

## RESENHA DO FILME “CORRA!”

Por Patrícia Luízar Espinoza

Jordan Peele é um ator e cineasta norte-americano, nascido em 1979, conhecido atualmente como um dos principais nomes do gênero contemporâneo terror antirracismo. Apesar de ter dedicado boa parte de sua carreira à comédia, com destaque para séries como *Key and Peele* (2012-2015), ele inaugurou seus trabalhos no cinema como diretor a partir do longa de terror e suspense *Corra!* (*Get Out*) de 2017 (DOURADO, 2017?).

A questão do racismo nos Estados Unidos é um problema histórico. Ainda no início do século XX era possível observar a segregação dos negros na sociedade, sobretudo nos estados do sul. Tal situação começou a sofrer mudanças com a ajuda de movimentos como o Movimento pelos Direitos Civis, durante as décadas de 1950 e 1960, que buscava a promoção da igualdade e dos direitos da população negra. Contudo, a luta contra o racismo ainda persiste no país, visto que essa atitude continua se manifestando de maneira camuflada em diferentes espaços da sociedade, o que contribui para reacender as tensões raciais no país.

Nesse sentido, esse tema se torna um importante debate a ser levantado pela Década Internacional dos Afrodescendentes, instituído pela Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas (ONU) entre o período de 2015 a 2024. Apenas nas Américas existem cerca de 200 milhões de pessoas que se identificam como afrodescendentes, tornando essa iniciativa um grande passo em direção à implementação de atividades no espírito de reconhecimento, justiça e desenvolvimento (DÉCADA INTERNACIONAL DOS AFRODESCENDENTES, 2015?). Desse modo, observa-se que suas ações visam a valorização da população afrodescendente na sociedade, a garantia de sua inclusão e o combate ao racismo, ao preconceito, à xenofobia e à intolerância.

Diante disso, o aclamado filme *Corra!* (2017) se torna uma interessante fonte de análise e discussão. Uma das principais temáticas da trama corresponde ao racismo velado presente até os dias atuais. Isso pode ser visto no modo como a obra retrata os sofrimentos cotidianos vivenciados pela população negra e a percepção branca sobre essa parcela da sociedade, bem como seus atos racistas.

A primeira questão que o filme levanta é a sensação de insegurança e de medo que muitos negros enfrentam constantemente por sua cor. Na cena inicial, um homem negro

caminha por um bairro deserto durante a noite e é perseguido por um carro. Ao se dar conta da situação, ele muda seu trajeto, porém isso não impede que ele seja abordado por um homem branco, que o agride sem explicações. A partir dessa situação, ao refletir sobre uma mudança de papéis, possíveis questionamentos que podem ser feitos são: será que o mesmo ocorreria se o homem que caminhava fosse branco? Ou, ainda, o medo seria maior se a perseguição fosse feita por um homem negro?

Após essa abertura, a trama se inicia com os anseios do jovem Chris, interpretado pelo ator Daniel Kaluuya, sobre a reação que os pais de sua namorada Rose, encenada por Allison Williams, de família branca, terão ao descobrir que ela está se relacionando com um homem negro pela primeira vez. Diante desse cenário, Rose o tranquiliza ao garantir que seus pais não são racistas e, para isso, ela argumenta que seu pai até votaria no Obama uma terceira vez se fosse necessário. Essa cena ilustra o típico racismo velado, no qual a pessoa sente a necessidade de se afirmar contra o racismo, adotando estrategicamente uma pessoa de determinada cor como prova de sua tolerância. Contudo, isso não ameniza a prática do racismo, uma vez que não trata o negro como uma pessoa, mas como alguém distinto devido à cor de sua pele.

Outra demonstração de racismo ocorre quando Chris acompanha sua namorada a caminho da casa de seus pais e os dois sofrem um acidente de carro. Ao serem interrogados pela polícia, apesar de Rose estar no volante, o policial exige ver os documentos de Chris, dando a entender que ele teria sido o responsável e culpado pelo acidente. Essa é uma crítica muito recorrente à ação policial movida contra negros nos Estados Unidos, em que frequentemente são denunciados casos de violência policial a essa população, muitas vezes, sem uma real necessidade ou justificativa coerente.

Finalmente, quando ele conhece os pais de sua namorada, interpretados por Bradley Whitford e Catherine Keeper, o comportamento observado por Chris é diferente do que esperava e ele é bem recebido na casa. Porém, um clima de mistério se instaura no ar, principalmente pelo fato dos empregados da casa serem negros e agirem de forma rígida e reprimida, tal como robôs. Enquanto isso, os pais de Rose demonstram interesse em saber mais sobre a vida de Chris, embora não vejam o relacionamento da filha com seriedade, mas sim como resultado de uma mera relação carnal, o que evidencia a constante objetificação sexual do negro, presente em vários momentos ao longo do filme.

A forma como a família de Rose passa a se portar com a presença do namorado dela também parece não agradá-la muito, mesmo assim eles mantêm seu plano de passar o fim de semana na casa. A presença do casal, inclusive, motivou seus pais a organizarem uma festa de família com alguns amigos durante esse período. O pai de Rose era um neurocirurgião e sua esposa, psiquiatra. Isso abre espaço para que a mãe de Rose oferecesse uma sessão de hipnose para Chris, na tentativa de acabar com seu vício ao descobrir que ele é fumante, mas ele rejeita. Apesar disso, naquela mesma noite, após uma série de eventos estranhos, Chris se encontra hipnotizado contra sua vontade. Posteriormente, no dia da festa, com a chegada dos convidados, todos se encantam com o rapaz e demonstram ter algum interesse inusitado nele. A situação piora e a mente de Chris é tomada por grande desconfiança e medo profundo. Sua intuição o diz que algo de errado está acontecendo e logo seu único

desejo se torna fugir desse ambiente.

O filme é um excelente convite para refletir sobre a temática do racismo que diversas vezes se faz implícito na sociedade e, por esse motivo, deixa de ser debatido. Contudo, torná-lo evidente é fundamental para dar voz a quem é alvo dessa discriminação diariamente. Nesse aspecto, *Peele* teve um papel relevante, pois conseguiu, por meio desse filme, fortalecer a luta antirracista na indústria do entretenimento e isso contribuiu para denunciar a prática do racismo na sociedade. Aclamado pela crítica e pelos espectadores, o diretor construiu uma narrativa bem amarrada e fez uso de sequências que causam revolta e medo no público a medida que são apresentadas situações impactantes. O resultado disso foi a indicação do filme a quatro categorias do Oscar, vencendo como Melhor Roteiro Original. Essa foi a primeira vitória de um negro nessa categoria, o que trouxe mais diversidade à premiação.

Nesse debate, devem se fazer presentes pensamentos como o da filósofa, negra e ativista pela igualdade racial e de gênero, Ângela Davis: “Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista” (NGANGA, 2019). Desse modo, a luta pelo fim do racismo deve se manifestar nos mais diversos espaços da sociedade, desde o ambiente familiar até o educacional. Por conseguinte, a discussão dessa temática no ambiente acadêmico se mostra relevante e atua como uma forma de aumentar sua difusão em toda a sociedade. Isso é essencial, tendo em vista sua importância no âmbito internacional, uma vez que se trata de um problema que ultrapassa fronteiras. Ainda, promover tais discussões torna o debate mais acessível e seus objetivos mais claros na busca por uma sociedade mais unida e igualitária.

## REFERÊNCIAS

DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENDENTES. Disponível em: <https://decada-afro-onu.org/background.shtml>. Acesso em: 08 Nov. 2020.

DOURADO, P. **Biografia: Jordan Peele**. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/biografia-jordan-peeel>. Acesso em: 08 Nov. 2020.

GET out (Corra! em português). Direção: Jordan Peele. Estados Unidos: Blumhouse Productions & Monkeypaw Productions QC Entertainment, 2017. Netflix (104 min.)

NGANGA, J. **O Ativismo Negro Por Meio Do Cinema: Ações e representações dentro e fora das telas**. 2019. 200f. Dissertação de Doutorado – UFU, Uberlândia, 2019.